

A aprendizagem política do estudante universitário

DENISE LEITE

Em passado recente a Universidade foi o lugar preferencial da aprendizagem política dos jovens. Os movimentos estudantis que marcaram a trajetória histórica da Universidade brasileira contribuíram para esta aprendizagem e para o advento de uma geração de cidadãos politicamente engajados (Forachi, 1965; Poerner, 1979; Sanfelice, 1986).

Hoje, a Universidade continua sendo o espaço privilegiado de socialização dos jovens. Mas, estará este processo englobando a formação política do estudante e conduzindo para a ampliação de sua consciência social?

Esta questão, entre outras, motivou o estudo sobre as aprendizagens realizadas pelos estudantes na Universidade (Leite, 1990). No tocante à aprendizagem política foi possível constatar que a mesma ocorre no espaço da Universidade, mas nem sempre foi por esta propiciada. Foi possível destacar, também, a existência de diferentes dimensões de politização entre os estudantes. Descrever estas dimensões é o objetivo deste artigo. Para tal, são discutidas as representações dos estudantes sobre as relações Universidade-sociedade, bem como os significados e simbolismos que as suas palavras trazem para a compreensão das aprendizagens realizadas.

O estudo, o contexto e a metodologia

A pesquisa (Leite, 1990) foi desenvolvida na UFRGS, instituição que conta com 82 departamentos, 23 escolas, 16435 estudantes matriculados em cursos de graduação e 2390 professores.

A primeira parte do estudo, realizada em 1987, teve por objetivo definir as abordagens de estudo dos estudantes. Foram participantes da mesma 235 universitários dos cursos de Medicina, Engenharia, Física, Letras, Pedagogia e

Enfermagem, na época cursando 2º e 3º semestres.

Dois anos depois foi realizada a segunda parte do estudo. Dentre os participantes iniciais, então cursando 5º e 6º semestres, foram entrevistados 24 estudantes. A vida acadêmica deste grupo foi sistematicamente acompanhada através de dados secundários levantados de suas atividades discentes e dos órgãos de registro da universidade. Parte da análise qualitativa desta segunda etapa foi discutida com os participantes.

A partir do conhecimento sobre as abordagens de estudo dos estudantes, buscamos nesta segunda fase ampliar a compreensão sobre os significados sociais das aprendizagens realizadas na universidade e sobre sua possível contribuição para a produção da consciência social do universitário.

As representações dos estudantes sobre as relações Universidade e sociedade

Ao analisar o sujeito na sociedade burguesa, Sharp (1980) diz que a compreensão da matriz ideológica dentro da qual o sujeito é produzido deveria remeter-nos ao entendimento das formas de representação da existência diária, bem como de suas articulações. Os valores que as compõem não são fixos, mas intercambiáveis com a estrutura hegemônica.

Ora, no convívio oportunizado pela universidade, os estudantes estabelecem múltiplas relações que determinam a qualidade e a quantidade das aprendizagens que fazem. Estas múltiplas relações, mediatizadas pelo currículo vivenciado dentro e fora da sala de aula, informam suas representações e visão de mundo, compondo valores que, mesmo conformados pelos significados hegemônicos socialmente produzidos, podem sofrer transformações.

Tivemos em vista ao trabalhar com as representações dos estudantes, precisamente a

apreensão destes valores de forma que seu significado, expresso em sua linguagem se mantivesse preservado. Pois, como mostra Sharp (1980), as palavras não são meros reflexos das coisas e processos externos à pessoa, elas são, na verdade, trabalhadas nas e pelas relações sociais e, por isto, expressam o significado destas relações.

Analisando as falas dos estudantes podemos dizer que, para alguns universitários do grupo em estudo, a universidade é vista como produtora de mercadorias e como fonte de preparação de quadros para a gestão da sociedade.

Um estudante entrevistado, afirma:

"No mundo capitalista que a gente tá, a sociedade quer é produção, que a universidade dê alguma coisa que renda dinheiro" (EM9).

Ou seja, os estudantes, cuja matriz ideológica assenta-se no sujeito burguês, confirmam sua origem de classe, ao encarar a Universidade como um espaço no sistema onde se dá a produção de mercadorias (eles próprios) cujo valor é "a forma celular econômica" (Marx, 1981, p.6) da sociedade capitalista. Valor este que se consubstancia na preparação de quadros para a gestão da sociedade, porque cabe a eles dirigir a sociedade dentro da sua visão de mundo, dentro de seus interesses vistos como o de todos. Poderíamos argumentar que uma certa "inconsciência" de classe se manifesta; um certo comodismo, caracterizado pela aspiração de viver da maneira mais fácil no capitalismo, ordem econômico-social necessária e legítima enquanto serve aos interesses daqueles que estão dentro da Universidade. A ordem mais fácil sempre foi assim e não vai mudar, portanto, não compete ao estudante questioná-la:

(Universidade não faz diferença) "Faz diferença na tua rotina, das coisas que tu faz, deixa de fazer por falta de tempo, por preguiça. Não mudou muita coisa; antes eu jogava mais tênis, mais tempo de folga, agora não" (EE14)

No nível que poderíamos caracterizar como intermediário dentro desta hierarquia construída, o estudante refere a idéia de competência como elemento diferenciador e determinante do lugar na sociedade¹. Aqui não mais a matriz ideológica do sujeito burguês está presente mas, a visão liberal da independência pessoal/individual idealizada no valor da competência, tão enfatizada nas exigências feitas ao

estudante, especialmente em cursos onde a competitividade é muito grande.

"Eu posso escolher a área em que eu vou trabalhar se eu for uma pessoa competente, se eu tiver estudado bastante prá isso" (EL24)

Se às escassas oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho acrescentam-se a dificuldade de ingresso no curso superior e a competitividade durante a sua realização, constata-se o surgimento da noção de competência como capacidade individual diferenciadora, como fuga da mesmice e da repetição a que a Universidade obrigaria o estudante.

Talvez esteja aqui o cerne do projeto estudantil/familiar pequeno burguês com vistas à formação de uma elite intelectual. Neste momento, talvez até o fundamento ideológico que orienta a opção de valores do estudante comece a se transformar na direção de uma luta que pode ser até anticapitalista. Deve-se isso não a uma consciência social ampliada, mas a uma das contradições do sistema, como bem alerta Portantiero (1978), pois a compreensão de que a mercadoria produzida pela Universidade não está tão valorizada assim no mercado de trabalho, cujas demandas continuam cada vez mais restritas, leva os estudantes a tornarem-se "aprendizes de feiticeiros" ou seja, a agruparem-se com intelectuais e burocratas. Assim, na divisão social do trabalho, seus interesses, ambíguos por certo, não os levam a identificarem-se com o proletariado, mas sim com aqueles que usufruem da fração de mais valia disponível e realizam o trabalho não manual na sociedade. Este fato explicaria a contestação estudantil mas não garantiria mais do que isso.

Esta contestação fica explícitada no nível, seguinte, através da idéia de que mudando a Universidade, mudar-se-á a sociedade:

"Eu acho que o estudante não vai modificar a sociedade se ele sair da aula e ir pro meio da rua fazer passeata, a minha idéia é o estudante pode mudar a sociedade, mas primeiro mudando a universidade" (EF7).

Ou seja, a intelectualidade, incluindo-se aí os estudantes, contesta: quer a democratização interna da Universidade e a sua autonomia do Estado, talvez no sentido de criar seu espaço próprio de autoridade e poder, o seu espaço "límico".

Este poder, apolítico em princípio, se consubstanciaria nesta visão de mudança da

sociedade via mudança da universidade, tarefa tão impossível quanto irreal.

Porém, esta irrealidade não significa que todo o estudante de origem burguesa e pequeno burguesa coloca-se no limbo já que o sistema hoje, em sua face de dependência, não precisaria mesmo das classes médias diplomadas a não ser para as funções burocráticas. Passa pela compreensão de muitos dos estudantes que a Universidade está alijada do processo produtivo porque não produz suficiente ciência e tecnologia, as quais, junto ao "Know how", são comprados em valores altos por empresas que só os repassam à Universidade muitos anos após. Assim não é a Universidade que produz a ciência e a tecnologia necessárias, embora ela clame por recursos para fazê-lo, pois julga-se competente para tal.

Outro estudante revela sua preocupação:

"O meu compromisso eu acho que é encarar com seriedade o curso, né? E depois eu acho que se preocupar com isso. De que forma a gente vai retribuir pra essa sociedade e que setor da sociedade... Eu acho que ao lado disso tu tem que ter uma certa consciência política propriamente como cientista, acho que todo o profissional. Isto não é enfatizado no curso" (EF3).

O estudante revela a sua aspiração em ser cientista com consciência política, mas, para isso, ele acrescenta em sua fala a idéia de superar o sistema. Por que o faz? Neste caso, sendo filho do proletariado e buscando arduamente ascensão social via educação, sua consciência prática lhe aponta a iniquidade do sistema educacional e social que não possibilitou a outros colegas desfrutar da posição que ora ocupa. Deste modo, fala em superar o sistema para ampliar as oportunidades de estudo, transformando o processo de divisão social do trabalho e introduzindo uma aprendizagem combinada com a produção e não apenas como um processo massificador de formação de técnicos para um mercado titubeante. Neste sentido, ele diz que não é um "problema de consciência própria", mas da crença de que assumindo sua função na sociedade ele estará trabalhando para um setor privilegiado, e ele quer retribuir com seu trabalho, ou seja, devolver o que "ganhou" na Universidade, para os setores menos privilegiados.

Explicando melhor essa visão de mundo, o filho do burocrata diz que o país que deseja é "talvez mais socialista":

"O Brasil está em crise. O país que desejo é diferente. O país que desejo é talvez mais socialista" (EF8).

Neste nível da hierarquia de valores professada também pelos estudantes pequenos burgueses, poder-se-ia dizer mais esclarecidos, observa-se um discurso diferente. A aquisição do conhecimento seria uma via para transformar a sociedade. O estudante refere que é necessário pensar, criticar e ter uma visão. Neste sentido, o país mais socialista, a sociedade transformada, seria alcançada via conhecimento.

Ou seja, estas posições mais radicais na fala dos estudantes poderiam estar identificadas com uma aspiração frustrada de independência e ascensão via estudo. Ao entender a sociedade capitalista, a divisão social do trabalho, a separação entre o saber e o fazer e consequentemente a produção do conhecimento alienada do real, compreende também que não terá a oportunidade de ser um dos melhores entre outros, quando muito irá separar-se da massa de trabalhadores. Entende também que à sociedade dependente falta o conhecimento emancipador. Identifica-se com a necessidade de produção deste e gostaria de perseguir este objetivo como cientista, de forma pessoal. Porém, na verdade, o conhecimento que obteve na Universidade, com deficiências de toda a ordem, não lhe garantirá privilégios na sociedade. Portanto, ela tem de mudar e, nesta mudança, o intelectual deverá, se progressista, ter papel destacado. Aqui ainda o discurso é o da igualdade de oportunidades, é o da não discriminação; porém, com a nuance do conhecimento novo de que a educação capitalista pode consolidar a discriminação e a manutenção do sistema vigente (Portantiero, 1978).

Porém, há um número de estudantes, também de origem pequeno burguesa, incluindo-se um filho do proletariado, que consideram a juventude um potencial revolucionário e, a despeito de sua posição de classe na estrutura social, fazem a sua opção. Esta consiste em deixar de lado a busca de privilégios pessoais, mesmo porque o profissional é hoje mercadoria desvalorizada, e partir para a luta, via partido político se possível, contra a sociedade capitalista, contra a desigualdade de oportunidades, a estratificação social e a discriminação. Um dos estudantes manifestou sua opção:

"Eu sou bem diferente da minha família em termos de política. Eu sou a única engajada em algum partido e que faço esse trabalho comunitário. Discuto, discuto e brigo com eles muitas

vezes - também por opção de classe que eles fizeram. Nem é pela classe em si, que eu sou classe média e tudo. Mas não pela classe, pela opção..." (EM11).

As contradições do sistema, vivamente sentidas, mas aprovadas por conhecimento e entendimento racionais, canalizam as aspirações para o vértice da revolução na qual o estudante se coloca potencialmente. A primeira parte do processo de conscientização se dá na própria Universidade, através da discussão e "briga" com os colegas, depois no assumir a participação política e, ao mesmo tempo, no assumir o papel de universitário, dono de um saber técnico, frente à comunidade, "trocando saberes" com ela como alguns referem. A comunidade é vista como sociedade mais ampla quando em função do compromisso profissional depois da formatura. Essa nova sociedade que desejam parece ser quase utópica, não por ser socialista, mas por ser a sociedade dos humanos, aquela sociedade igualitária em que a pessoa, não seu fetiche, é valorizada acima de tudo, dentro e fora de sua casa... como explica um estudante:

"Quería que as pessoas fossem valorizadas (...) queria que isto fosse uma coisa natural da sociedade, não uma coisa de elite" (EF13).

A partir da análise das representações e dos valores significados pelos estudantes, compondo parte de sua visão de mundo, a relação com suas origens de classe e destas com a sociedade, organizar um quadro das dimensões de politização dos estudantes, tornou-se uma tarefa possível. Com isto, pretendíamos, ao aprofundar a análise das relações, compreender se existe ou não espaço para novas aprendizagens e para a formação de valores diferentes durante o período de estudo na Universidade.

As dimensões de politização dos estudantes

A politização é um processo. Não se dá de forma isolada. Entre os estudantes com os quais trabalhamos, foi possível detectar diferentes dimensões do mesmo processo. Estas dimensões se ampliam em uma "hierarquia de efetividade potencial," e podem ser visualizadas no Quadro 1 Dimensões de Politização dos Estudantes Universitários. O estabelecimento dessa hierarquia construída para fins de estudo obedece à diferença no dimensionamento da politização relativamente a origem/opção de

classe do estudante, e à condição de ser produtor e querer ser produtor das suas próprias circunstâncias (Habermas, 1961).

Professando os valores da burguesia, dimensão 4 no quadro, encontramos, na verdade, não só os filhos da burguesia mas também os da pequena burguesia, onde podem ser alocados os estudantes que compõem 41,66% do total entrevistado. Caracterizam-se por serem conservadores e individualistas e por considerarem a Universidade como um espaço transitório para busca de sua titulação. Estes estudantes participam eventualmente de atividades estudantis, pois não vêem utilidade no envolvimento político. Criticam a atuação sectária dos partidos políticos. Em geral, já ocupam posição no mercado de trabalho assegurada por sua origem social.

Na dimensão 2, vanguarda da pequena burguesia, 12,5% dos entrevistados, encontramos aqueles estudantes que constituem uma parcela politicamente esclarecida, com participação em todas as atividades estudantis. Nessa vanguarda, na verdade, estão principalmente os filhos da burocracia mas também representantes da pequena burguesia. Sua característica principal é a defesa da Universidade, o questionamento e a melhoria de seu padrão de ensino, objetivo para o qual convergem suas atuações, sempre dentro do espaço acadêmico. Parecem ser vanguarda por estarem um passo à frente de sua origem de classe.

Na dimensão 3, situamos aqueles estudantes que, independentemente de sua origem de classe pequena burguesa ou proletária, assumem o papel de força de trabalho intelectual em processo de formação. A este nível, a politização é acessória e a participação política se dá em termos de opiniões críticas, por vezes, eivadas de radicalismos. Sua característica é a preocupação com a formação dada pela Universidade aos intelectuais para que com competência e sucesso possam oferecer sua força de trabalho ao mercado que, desejavelmente, pode ser a própria instituição universidade pública. O parâmetro aqui é a inserção no mercado de trabalho em funções não manuais, portanto, diferenciadoras de status social.

A opção pelas lutas da classe trabalhadora, do proletariado em geral, caracterizam a Dimensão 1, ativista socialista. Apesar da origem pequena burguesa, os estudantes que também se consideram uma categoria social transitória, negam os valores de sua classe de origem e identificam-se com os grupos explorados da sociedade. A universidade é vista como um

espaço de recrutamento de militantes, cuja formação pode se ampliar ao nível do partido político e cujo engajamento se dá dentro e fora da Universidade. Estes estudantes têm em comum uma história de participação em movimentos comunitários, movimentos feministas, em política estudantil ou partidária, em grupos de jovens, de leituras e estudos políticos, que surgem como parte de suas vivências pessoais. Questionam os valores de suas famílias e da sociedade burguesa e lutam por uma transformação. Voltados para o envolvimento com pessoas, projetam toda sua energia, atuando politicamente dentro e fora do âmbito da Universidade, por vezes, buscando formas de poder não atingíveis na condição de estudante co

mum.

Seu oposto situa-se na Dimensão 5. Nesta, estão aqueles 12,5% do total de estudantes entrevistados que ainda não se encontraram como tal, os estudantes "underground" ou "bicho grilo". Tais estudantes nem defendem os valores de sua classe social, embora, eventualmente, os reconheçam, nem se definem por outra. Normalmente criticam a Universidade e o sistema. Ora participam, ora não participam das atividades estudantis ou de diferentes partidos políticos. Procuram novos cursos na própria Universidade ou em outra, engajam-se com facilidade em atividade alternativa e, por isso, se consideram "des-integrados", "desligados", "peças" do quadro.

QUADRO 1

DIMENSÕES DE POLITIZAÇÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

DIMENSÃO	DESCRIÇÃO	ORIGEM	CARACTERÍSTICAS	ATUAÇÃO
Ativismo socialista* (1) (12,5%)	Estudante como categoria social transitória, podendo negar sua classe de origem e identificar-se com o proletariado. Universidade é o espaço de recrutamento de militantes para atividades de engajamento político, até mesmo externos a ele.	Opção de classe	Militante de partido político; atuação no CA/DCE/Subcentro; participação em grupos de estudos políticos/leituras; participação em grupos diversos dentro da faculdade, antes da faculdade (CLJ, ONDA, etc.) e/ou na comunidade; reconhece a existência de espaço dentro da Universidade Pública para ação e desenvolvimento político; questiona os valores da sociedade; voltado para o envolvimento com pessoas; busca formas de poder(?).	Dentro e fora do espaço da Universidade
Vanguarda da pequena burguesia* (2) (12,5%)	Estudante como vanguarda ou parcela mais esclarecida e radical da Pequena Burguesia, preocupado com as reformas na Universidade, reivindicação de interesses próprios de classe ou categoria com desenvolvimento político pessoal.	Origem de classe	Simpatizante/antipatizante de partido político; atuação CA/DCE/Subcentro; participação em greves, passeatas, assembléias; atividades de Integração voltadas para dentro da Universidade; atividades de questionamento e melhoria de padrão da Universidade; questionamento de valores de educação e da sociedade; voltado para o envolvimento com pessoas; gosta de estar por dentro das coisas.	Dentro da Universidade
Intelectual como categoria social* (3) (20,8%)	Estudante como aprendiz de intelectual, categoria social na sua relação direta com o mercado de trabalho; preocupado com a formação dada pela Universidade aos intelectuais, para que atuem sobre os problemas da sociedade.	Força de trabalho intelectual em processo de formação. Independente da origem da classe.	Participante em greves, passeatas, assembléias, esporadicamente no CA; atuações em questões que afetam a sala de aula/disciplina/professores; participa-não participa em aula; preocupado com a modificação da universidade vista como catapulta para a posição social e ocupacional; expressa opiniões críticas eivadas de radicalismo; gosta de si próprio e "aproveita", "pega" o que as pessoas trazem.	Não se envolve com a Universidade - local transitório. Em geral já ocupa posição no mercado de trabalho.

DIMENSÃO	DESCRIÇÃO	ORIGEM	CARACTERÍSTICAS	ATUAÇÃO
Filhos da Burguesia (4) (41,7%)	Estudante conservador que vê a Universidade como um espaço transitório para busca de titulação e talvez, se necessário, da ocupação profissional.	Origem de Classe	Participante pouco ou nada do CA, assembléias; participa/não participa porque não tem opinião em discussões na sala de aula; considera que não tem utilidade participar da política estudantil; críticas à atuação em partidos políticos; Individualismo antes de tudo.	Não se envolve com a Universidade local transitório. Em geral já ocupa posição no mercado de trabalho.
"Underground" ou "Bicho Grilo" (5) (12,5%)	Estudante que ainda não se encontrou como tal, indefinido quanto à opção profissional, crítica a Universidade e o sistema "autoritário" e ausência de oportunidades para todos.	Contraditoriedade e indefinição.	Participa às vezes/não participa de reuniões de diferentes partidos políticos, assembléias ou passeatas; realiza atividade alternativa ou "underground" fora da Universidade; des"integrado", des"ligado" ou "peça" do quadro (Univ.); troca de cursos, não se identifica como universitário; crítico inconseqüente, por vezes radical; valoriza a igualdade entre as pessoas (na família e na sociedade).	Indefinido, por vezes envolvido com atividade alternativa.

* Denominações apoiadas em Portantiero (1978)

A potencialidade de produção da consciência social a partir da aprendizagem política

Se, como pensávamos, a politização fizesse parte das aprendizagens proporcionadas pela Universidade e, se ela constitui importante elo para a formação ou ampliação da consciência social, então, atingir as dimensões mais avançadas seria imperativo a ser perseguido pelo ensino, e seria objetivo implícito da cultura universitária, como o foi em passado recente, quando o ativismo político estudantil fazia parte da vida acadêmica.

Tal é, por exemplo, a posição de Habermas (1970) para quem a Universidade deve transmitir e produzir o conhecimento tecnicamente utilizável, qualificando as novas gerações, assim como deve formar a consciência política dos estudantes. Para ele, a Universidade é o lugar ideal para a discussão dos temas políticos desde que sob as regras da racionalidade, com clara conexão entre demonstração e argumentação. Ao mesmo tempo, segundo Habermas, a Universidade é o espaço da ação planejada, do estudo organizado da ciência política, do mandato político do corpo estudantil e da sua atuação nas organizações estudantis. Este deve ser o padrão de socialização da Universidade.

Porém o próprio Habermas não encontrou na Alemanha uma Universidade que cumprisse plenamente essas funções. Em pesquisa de 1961, ele distinguiu cinco dimensões de hábitos políticos entre os estudantes da Universidade de

Frankfurt: os apolíticos, os distanciados irracionais, os distanciados racionais, os cidadãos ingênuos e os engajados políticos. Para ele, a categoria da participação política faz parte da sociedade burguesa:

"A contradição de ser produto das circunstâncias e ao mesmo tempo querer e poder ser produtor dessas circunstâncias encontra-se na participação política dos cidadãos desde o início" (Habermas, 1961, p.51).

Ora, em nosso estudo, a contradição de ser produto e querer ser produtor das circunstâncias, se evidencia nos níveis primeiros de dimensões de politização - ativismo socialista e vanguarda da pequena burguesia - porém, certamente, não está definida nos níveis 4 e 5 - filhos da burguesia e underground, tanto quanto o encontrado por Habermas no que diz respeito a estudantes não engajados na participação política. Porém, em relação ao nível do "engajado político", encontramos relações de semelhança com as dimensões 1 e 2 de nosso estudo. Dentro do grupo dos "engajados políticos" encontram-se os estudantes "politizados" com ligação com partido político e os "engajados universais" identificados com a esfera pública. Entre os primeiros, à semelhança do que aqui encontramos e denominamos ativismo socialista, o interesse político "surge espontaneamente como parte de uma experiência de vida" (1961, p.116). Tal como aqui, a esse nível de politização, o estudante considera primazia natural a

participação política sobre a formação na Universidade.

Porém, tanto lá como aqui, o contingente maior de estudantes constitui o grupo apolítico, sujeitos desistoricizados, sobre os quais a influência da Universidade é questionável.

Habermas (1970), no entanto, insiste em que a formação universitária deve exercer influência sobre a consciência social dos estudantes, podendo predizer o comportamento político mais favorável à democracia.

Ora, a consciência social nada mais é do que um saber partilhado, um sair de si próprio que não exclui a consciência de si, para atingir a dimensão do outro na sua circunstância. É um dar-se conta de si, dos outros, de ser um ser social em determinadas circunstâncias, de ser e sentir-se responsável como tal, se necessário, pela modificação destas circunstâncias não apenas no benefício próprio pessoal ou de classe, mas no benefício coletivo da comunidade universal. Isto significa que a politização seria um passo significativo para ampliar a consciên-

cia social na busca de uma sociedade livre, uma sociedade democrática e política cujos governos ajam tanto no interesse de todos quanto sejam por todos controlados.

Porém, como se evidencia neste estudo, a politização não se constitui em resultado decorrente imediato da ação da Universidade e de sua cultura sobre todos os estudantes. Apenas alguns estudantes formam diferentes valores na Universidade e atingem níveis mais altos de politização, podendo efetivamente produzir-se no processo de aprendizagem uma consciência social. Tal constatação, dentre outras, leva-nos a repensar a força das crenças e práticas hegemônicas na produção de indivíduos que podem atuar de forma inconsciente. Leva-nos também a refletir sobre as funções e responsabilidades da universidade e sobre o nosso papel como membros dessa instituição na realocação da força do ensino, e da aprendizagem significativa, na produção da consciência social.

Notas

1. Neste estudo a posição familiar dos estudantes na esfera da produção, segundo categorização sugerida por Cueva (1974), compreendia representantes da burguesia (8,33%); pequena

burguesia (70,8%); proletariado (8,33%) e burocratas do aparelho administrativo e repressivo do estado (12,5%).

Referências Bibliográficas

CUEVA, A. La concepción marxista de las clases sociales. *Debate e Crítica*, São Paulo, (3):83-106, jul., 1974.

FORACHI, Mariello. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, Ed. Nacional, 1965.

HABERMAS, Jurgen. *Student und politik eine soziologische untersuchung zum politischen bewusstsein frankfurter studenten*. Germany, Herman Verlag, 1961.

_____. *Toward a rational society*. Boston, Beacon Press, 1970.

LEITE, Denise. *Aprendizagem e consciência social na universidade*. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS, 1990. Tese Dout.

MARX, K. *El capital*. Tomo I, Vol. 1. Mexico, Siglo XXI, 1961. E1V1.

POERNER, A. J. *O poder jovem: história de participação política dos estudantes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

PORTANTIERO, J. *Estudiantes y política en America Latina*. Mexico, Siglo XXI, 1978.

SANFELICE, José Luis. *Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64*. São Paulo, Cortez, 1966.

SHARP, K. *Knowledge, ideology and the politics of schooling: toward a Marxist analysis of education*. London Routledge and Kegan Paul, 1980.

Este trabalho foi apresentado no Encontro de Estudantes preparatório ao Congresso da UNE, DCE-UFRGS, em 25/4/91. A pesquisa que deu origem ao mesmo, foi apoiada pelo CNPq, FAPERGS e PROPESP/UFRGS

Denise Leite é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.